

As mudanças do processo de ensino e aprendizagem perante a sociedade do conhecimento

CARLOS ALBERTO DE SOUZA CABELLO

Professor Universitário do Centro Universitário SENAC-SP, do curso MBA da Universidade Unianhanguera e também no Ensino Médio no Externato Elvira Ramos

Artículo recibido: 23/07/10; evaluado: 25/02/11 - 25/04/11; aceptado: 26/04/11

1. Introdução

Em tudo, de qualquer situação, de qualquer leitura ou de qualquer pessoa podemos extrair alguma informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista. Um dos grandes desafios do educador é ajudar a recuperar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. Estamos aprendendo melhor, quando vivenciamos, experimentamos, quando sentimos. Estamos aprendendo, quando relacionamos, quando estabelecemos vínculos, laços entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando-lhe um novo sentido. Estamos aprendendo, quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia. Estamos aprendendo mais, quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e o conceito, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente. Estamos aprendendo, quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social. Estamos aprendendo pelo pensamento divergente, através da tensão, da busca e pela convergência – pela organização e a integração. Estamos aprendendo, pela concentração em temas ou objetivos definidos ou pela atenção difusa, quando estamos de antenas ligadas, atentos ao que acontece à nossa volta. Estamos aprendendo, quando perguntamos, questionamos, quando estamos atentos, de antenas ligadas. Estamos aprendendo, quando interagimos com os outros e o mundo e, depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal. Estamos aprendendo pelo interesse, pela necessidade. Estamos aprendendo mais facilmente, quando percebemos o objetivo, a utilidade de algo, quando este algo nos traz vantagens perceptíveis. Comunicando-nos pela Internet, ou viajando para fora do país, o desejo de aprender inglês aumenta e facilita a aprendizagem dessa língua. Estamos aprendendo pela criação de hábitos, pela automatização de processos, pela repetição. Estamos aprendendo pela credibilidade que alguém nos merece. A mesma mensagem dita por uma pessoa ou por outra pode ter pesos bem diferentes, dependendo de quem fala e de como o faz. Estamos aprendendo também pelo estímulo, pela motivação de alguém que nos mostra que vale a pena investir num determinado programa,

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação

ISSN: 1681-5653

n.º 55/5 – 15/06/11

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI-CAEU)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI-CAEU)

num determinado curso. Um professor que transmite credibilidade facilita a comunicação com os alunos e a disposição para aprender. Estamos aprendendo pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem. Estamos aprendendo mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem e sentimos prazer no que estudamos e na forma de fazê-lo. Estamos aprendendo, realmente, quando conseguimos transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem.

2. O aprender e o ensinar: um processo permanente

Paciente, porque os resultados nem sempre aparecem imediatamente e sempre se modificam. Confiante, porque aprenderemos mais se tivermos uma atitude confiante, positiva diante da vida, do mundo e de nós mesmos. Processo afetuoso, impregnado de carinho, de ternura, de compreensão, porque nos faz avançar muito mais. O conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação. A informação é o primeiro passo para conhecer. Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é conseguir alcançar o nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se atinge, quando se consegue estabelecer comunicação com uma nova visão do mundo, das pessoas, e com o mergulho profundo no nosso eu. O conhecimento se dá no processo rico de interação externa e interna. Pela comunicação aberta e confiante desenvolvemos contínuos e inesgotáveis processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social. Conseguimos compreender melhor o mundo e os outros, equilibrando os processos de interação e de interiorização. Pela interação, entramos em contato com tudo o que nos rodeia; captamos as mensagens, nos revelamos e ampliamos a percepção externa. Mas a compreensão só se completa com a interiorização, com o processo de síntese pessoal de reelaboração de tudo o que captamos através da interação. Temos muitas chances de interagir, de buscar novas informações. Somos solicitados continuamente a ver novas coisas, a encontrar novas pessoas, a ler novos textos. A sociedade, principalmente através dos meios de comunicação, puxa-nos em direção ao externo e não se dá a mesma preocupação em equilibrar a saída para o mundo com a interiorização, com o ambiente de calma, meditação e paz necessário para nos reencontrarmos, para nos aceitarmos, para elaborarmos novas sínteses. Os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente cultural em que vivemos, dos grupos com os quais nos relacionamos. A cultura onde mergulhamos interfere em algumas dimensões da nossa percepção. O conhecimento depende significativamente de como cada um processa as suas experiências, quando criança, principalmente no campo emocional. Se a criança se sentir apoiada, incentivada, explorará novas situações, novos limites, se exporá a novas buscas. Se, pelo contrário, se sentir rejeitada, rebaixada, poderá reagir com medo, com rigidez, fechando-se defensivamente perante o mundo, não explorará novas situações. As interferências emocionais e os roteiros aprendidos na infância levam a formas de aprender automatizadas por alguns mecanismos, que ajudam e complicam o processo. Com a repetição de algumas situações semelhantes, o cérebro tem tendência a acreditar que elas acontecerão sempre do mesmo jeito, e isso se torna algo geral, torna-se padrão. Diante de novas experiências, a tendência será enquadrá-las rapidamente nos padrões anteriormente fixados, sem analisá-las muito profundamente, a não ser que haja divergências

extremamente fortes. Com a generalização, facilitamos a compreensão rápida, mas podemos deturpá-la, simplificando a nossa percepção do objeto focalizado.

3. Objetivos e conscientização

Um dos eixos das mudanças na educação passa pela sua transformação em um processo de comunicação autêntica e aberta, principalmente, entre professores e alunos, incluindo também administradores, funcionários e a comunidade, sobretudo, os pais. Só vale a pena ser educador dentro de um contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. Só aprenderemos profundamente dentro deste contexto. Não vale a pena ensinar dentro de estruturas autoritárias e ensinar de forma autoritária. Pode até ser mais eficiente em curto prazo – os alunos aprendem determinados conteúdos programáticos, rapidamente – mas não aprendem a ser pessoas, a ser cidadãos. Parece uma ingenuidade falar de comunicação autêntica numa sociedade altamente competitiva, onde cada um se expõe até determinado ponto e, na maior parte das vezes, esconde-se, em processos de comunicação aparentes, cheios de desconfiança, quando não de interações destrutivas. As organizações que quiserem evoluir, terão que aprender a reeducar-se em ambientes mais significativos de confiança, de cooperação, de autenticidade. Isso as fará crescer mais, estarem mais atentas às mudanças necessárias. As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou o que desejamos. Se formos pessoas abertas, elas nos ajudarão a ampliar a nossa comunicação; se formos fechados, nos ajudarão a nos controlarmos mais. Se tivermos propostas inovadoras, facilitarão a mudança. Com ou sem tecnologias avançadas poderemos vivenciar processos participativos de compartilhamento do ensinar e do aprender (poder distribuído) através da comunicação mais aberta, confiante, da motivação constante, da integração de todas as possibilidades de criação de aula-pesquisa/aula-comunicação, num processo dinâmico e amplo de informação inovadora, reelaborada pessoalmente e em grupo, de integração do objeto de estudo em todas as dimensões pessoais: cognitivas, emotivas, sociais, éticas, utilizando todas as habilidades disponíveis do professor e do aluno. A educação passa por profundas mudanças ultimamente e alguns aspectos devem ser contextualizados nas principais pessoas envolvidas neste processo: educadores e educandos. A premissa básica da educação é promover uma ação educativa comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática, em que as pessoas envolvidas conquistem, acima de tudo, a certeza de que educadores e educandos estão construindo uma sociedade mais justa e mais igualitária. Neste contexto, o papel do educador e suas relações com o educando tem como base a prática da didática. Sendo que a didática aplicada pelos educadores reflete a relação ensinar-aprender, ou seja, eles ensinam da mesma forma em que aprenderam, o que significa que os educadores criam esta relação sobre seus próprios valores. No processo de aprendizagem, tendem a ocorrer choques de culturas e é importante destacar que, com o passar do tempo, o educando caba por imitar seu educador, sua fala, seus gestos, seus comportamentos. O educador é um profissional que reflete em seus afazeres diários suas características, seus hábitos, suas palavras, portanto, acima de tudo, este profissional deve ter cuidado dobrado, pois não deve cobrar o que não pratica. O processo de aprendizagem é composto por um conjunto de regras e normas e tais fatos põem em relevo as deficiências dos educandos, já que todos nós sabemos que a associação entre o aprender e o ensinar é uma realidade. Para fazer uma análise mais apurada, basta lembrar por quantos educadores passamos durante nossa vida acadêmica e até mesmo em quantos treinamentos estivemos envolvidos, e, principalmente, quantos educadores nos marcaram nesse processo. Sem dúvida, a quantidade de educadores que marcaram nossa vida é desproporcional ao número de educadores que

passaram por nossa vida. Portanto, está claro: os educadores dos quais temos lembrança e até mesmo saudade são aqueles que se destacaram por um carisma especial, por um ensinar diferenciado, por uma atenção, uma dedicação específica. A necessidade de lembrarmos tais fatos nós faz filosofar sobre nosso comportamento perante nossos educandos, e, acima de tudo, nos permite resgatar virtudes e também falhas. Logo a perspectiva da didática assume a multidimensionalidade do processo de ensino aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política no foco de sua temática. A reflexão didática parte do compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas que tornem o ensino de fato eficiente para a maioria da população. Interpretando a didática como um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o “fazer pedagógico”, conhecimentos estes apresentados de forma universal e, conseqüentemente desvinculados dos problemas relativos da educação, dos conteúdos específicos, assim como do contexto sociocultural concreto em que foram gerados.

4. Conclusão

Diante das inovações oferecidas à sociedade, a disseminação do conhecimento, ou especificamente dos saberes, ganha brilhante destaque e faz com que uma das únicas formas de contribuir para a evolução dos seres humanos, é que a educação, também se inove. Acredito que, perante diversos saberes pedagógicos e suas aplicações, a didática, os educadores acabem participando ativamente na formação dos educandos. Por consequência, a meu entender, o grande destaque deste profissional é descobrir a real velocidade da aprendizagem e a base em que seu educando está montado, para que, a partir daí, consiga motivar, provocar interesse e, acima de tudo, destacar que o saber transmitido aos educandos tem clara aplicação na sociedade em que vivemos. Portanto, faz-se necessário o domínio destes saberes, não apenas para transformar-se na sociedade, mas também para transformar a sociedade em que o educando está inserido. Neste contexto do educador, a nova realidade assume, no meu entender, algumas mudanças radicais, onde o conteúdo foi um fim em si mesmo, e hoje se destaca como um meio para desenvolver competências. Enfatizo também que a sala de aula deve deixar de ser um espaço fracionado, estático, organizado por disciplinas e que, no futuro, deverá ser um local de reflexão e de situações de aprendizagem. Faz-se necessário lembrar fatos relacionados com as atividades, padronizadas, rotineiras, onde hoje, em meu entender, aula deve ser focada em projetos e resolução de problemas. Com relação aos saberes, em muitas escolas é ainda fragmentado, dividido por disciplinas, de caráter enciclopédico, memorizador e cumulativo. Com a realidade em que vivemos, estes saberes deverão ser interdisciplinares, deverão estar contextualizados, permitindo a criação de conceitos lógicos. E o educador deve sofrer profundas mudanças, deixando de ser um transmissor de saberes, passando a ser um facilitador da aprendizagem, pois o grande problema do educando hoje é com a escolha da informação correta, já que a Internet a oferece com muita facilidade. O educando deve estar preparado para saber escolher e, acima de tudo, transformar informação, em saber fazer.

Bibliografia

- AUSUBEL D., Novak, Hansian (1968). *Psicologia Educativa: Um ponto de vista cognitivo*. México: Ed. Trillas.
- BARTLETT, C. e GHOSHAL, S. (1995). *Transnational management: text, case, and readings in cross-border mangement*. 2nd, Boston: Irwin.

- CHALITA, Gabriel B. I. (2003). *O Poder de fogo da educação*, in *Revista FAPESP*, edição 85, março.
- DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubens (2003). *Fomos maus alunos*. Campinas: Papirus.
- FLAVEL, J. N. (1976). "Metacognitive aspects of problem solving" en RESNICK (ED.) *The nature of intelligence*. Hillsdade, New Jersey, Laurence Erlbam.
- HERNÁNDEZ, Fernando (1998). *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T. e BEHRENS, Marilda Aparecida (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus.
- PERISSÉ, Gabriel (2002). *O Professor do Futuro*. Rio de Janeiro: Thex Ed.

professorcabello@hotmail.com